



NO PINTCHA

* ORGAO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E CULTURA *

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFONES: 3713/3726/3728

BISSAU

Comissão Nacional do Ano da Criança traça directivas para a campanha



A Comissão Nacional para o Ano Internacional da Criança, reunida no fim da tarde de quinta-feira passada, em Bissau, traçou directivas para a campanha de sensibilização popular sobre o ano e decidiu criar um Comité Coordenador de todas as actividades a ele

relativas. Este Comité será presidido pelo Comissário de Estado da Educação Nacional e constituído pelos secretários das organizações de massas — JAAC, UNTG e Comissão Feminina do PAIGC.

A reunião foi efectuada na sala de reuniões do Conselho

de Comissários, sob a presidência do camarada Luiz Cabral, Presidente do Conselho de Estado, tendo sido abordados três pontos da ordem do dia: apreciação do trabalho realizado pelo Comité Técnico Consultivo, directivas para o lançamento da campanha de sensibilização popular sobre o Ano Internacional da Criança (AIC) e, finalmente, a coordenação das actividades.

Foi decidido criar um Comité Coordenador, que será presidido pelo Comissário da Educação, e que dirigirá o Comité Técnico Consultivo formado pelos representantes dos membros da Comissão Nacional. A Comissão Nacional, no seu conjunto, deverá reunir-se, pelo menos uma vez por trimestre.

Aberta a sessão, o Comissário de Estado da Informação e Cultura, camarada Mário de Andrade, fez uma introdução sobre o primeiro ponto da agenda da reunião, referindo-se ao trabalho já executado pelo Comité Técnico Consul-

tivo, formado por representantes de vários comissariados e departamentos membros da Comissão Nacional. Esse Comité tinha começado por reunir a documentação internacional editada sobre o A.I.C., fornecida pelo Bureau da Unicef para a África Ocidental.

No decurso das reuniões efectuadas, o Comité Técnico — segundo Mário de Andrade — teve a preocupação, por um lado, de recolher junto dos diversos comissariados, os projectos nacionais nos vários domínios de interesses ligados à criança e, por outro lado, de preparar uma proposta de calendário de actividades.

«É evidente — sublinhou ele — que o Comité Técnico não teve ainda a possibilidade de examinar outras actividades relacionadas com a problemática nacional da criança, tal como, por exemplo, estudos específicos no domínio da educação, saúde jurídica etc.»

Amanhã em Bubaque Início das conversações Guiné-Bissau/Portugal

Terão início amanhã, em Bubaque, os trabalhos da Comissão Mista Guiné-Bissau-Portugal. O encontro entre as duas delegações, precede a visita que o presidente português, general Ramalho Eanes efectuará ao nosso país, a partir de 20 de Fevereiro próximo, a convite do camarada Presidente Luiz Cabral.

Para o efeito chega hoje a Bissau a representação portuguesa, chefiada pelo secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, dr. Paulo Eanes e integrada por técnicos dos diversos departamentos do Governo português em que os dois países cooperam, além do embaixador de Portugal em Bissau.

Durante a sua estadia, a delegação será recebida pelo Presidente Luiz Cabral, pelo Secretário Executivo do CEL, camarada José Araújo e ainda pelo titular da pasta dos Negócios Estrangeiros, Victor

Saúde Maria. Do programa de trabalhos constam os seguintes pontos: domingo de manhã, às 9 h, abertura dos trabalhos das comissões que prolongarão até quinta-feira a altura em que as duas partes farão um balanço de síntese dos trabalhos, seguida de uma sessão plenária e apreciação dos relatórios das comissões.

O programa de sexta-feira, último dia dos trabalhos, será preenchido com a leitura e aprovação dos documentos do comunicado conjunto. À tarde, a delegação portuguesa será recebida em Bubaque pelo Comissário Principal, João Bernardo Vieira e dará uma conferência de imprensa. Uma recepção oferecida pela Delegação-Geral de Cooperação Internacional à delegação visitante encerrará o programa dos trabalhos, devendo a delegação portuguesa regressar a Lisboa no sábado.

Exército de novo em cena no Irão

TEERÃO 26 — O exército iraniano, que se manteve discretamente de lado, nos últimos dias em que o Irão foi varrido pelas poderosas manifestações populares de regozijo pela partida do xá, reapareceu brutalmente em cena, ao reprimir, ontem, violentamente, uma manifestação anti-governamental à volta da universidade de Teerão, provocando a morte de dez pessoas, a maioria estudantes.

Por outro lado, várias pessoas morreram ou ficaram feridas em diversas províncias do país, durante os tumultos que se registaram ontem, nomeadamente em Sanandadj, capital do Kurdistão, e em Tabriz. Seis jornalistas foram também presos anteontem à noite pelo exército. Os detidos são membros dos sindicatos da imprensa e trabalham nos três grandes jornais «Keyhan», «Ayandegar» e «Ete-laat».

Estas intervenções do exército seguem-se à decisão do governo de Chapur Baktiar de fazer aplicar estritamente a

lei marcial na capital e de proibir todas as aglomerações e manifestações no país.

Paralelamente, uma nova força estabelece-se abertamente entre o ayatola Komeiny, que mantém a sua decisão de regressar ao Irão, e o governo de Baktiar, que forçou o líder religioso a adiar o seu regresso previsto para ontem, ao dar ordens aos militares para fechar o aeroporto internacional de Teerão. O aeroporto foi ocupado desde quarta-feira por soldados e cercado com tanques blindados.

Num novo apelo ao povo iraniano, a partir da sua residência francesa de Neauphale-le-Chateau, perto de Paris, Komeiny declarou: «Estou decidido a regressar ao país no domingo, dia 28 de Janeiro, para lutar como um soldado contra o colonialismo e o despotismo até à vitória final». Um pouco antes, perante cerca de 300 fiéis, o líder chiíta denunciou «a traição do governo de Baktiar» e apelou o povo a derrubar o «poder ilegal» (FP)

Aristides Pereira deixa hoje Portugal Valiosa contribuição para o reforço das relações entre os dois continentes

★ Ramalho Eanes envia mensagem a Agostinho Neto

A visita que o Secretário-Geral do PAIGC e Presidente da República de Cabo Verde, camarada Aristides Pereira, acaba de efectuar a Portugal, constitui mais um passo para o estreitamento das relações bilaterais entre os dois países, e uma demonstração da vontade dos dirigentes do PAIGC em contribuir para a concertação das relações que ligam Portugal às suas ex-colónias, hoje Estados independentes e soberanos. Este facto seria aliás salientado pelo dirigente do PAIGC, ao afirmar que os resultados da sua visita a Portugal se projectarão «para além dos limites das relações bilaterais».

Com efeito, o Presidente caboverdeano, que deixa hoje Lisboa, no termo de uma visita de quatro dias à frente de uma importante delegação governamental será portador de uma mensagem do Ramalho Eanes para Agostinho Neto. O encontro entre os dois chefes de Estado africanos, previsto anteriormente para a passada terça-feira, antes do início das visitas que efec-

tuam a Lisboa e a Cuba, foi adiado devido ao trazo verificado na chegada do presidente angolano, ao sal. Segundo a ANOP, a mensagem mani-

festou o regozijo de Belém pelo acordo comercial que o ministro português Repolho Correia acaba de assinar em Luanda, ao mesmo tempo que

manifesta o desejo de que a cooperação bilateral se intensifique «dentro do espírito

(Continua na página 8)

Reunião dos Não-Alinhados

Situação na Africa Austral na ordem do dia

MAPUTO — Decorre desde ontem na capital de Moçambique a sessão extraordinária do bureau de coordenação dos países Não-Alinhados. O tema da sessão será a situação no sul de África e a ajuda dos Não-Alinhados à luta de libertação nacional dos povos da África Austral.

A ordem do dia foi previamente proposta na reunião do bureau de coordenação em Nova York, no final do ano passado. O documento final

foi preparado por Moçambique, como país organizador, embora não seja membro permanente do bureau, em colaboração com os outros países da «linha da frente.» Na elaboração do projecto do documento final foram consultados directamente os movimentos de libertação do Zimbábue, da Namíbia e da África do Sul. A sessão ministerial do bureau de coordenação, que decorre até a 2 de Fevereiro, foi inaugurado com um discurso pronunciado pelo

presidente Samora Machel, Moçambique.

Os 25 Estados membros do bureau dos Não-Alinhados são: Argélia, Afeganistão, Angola, Botswana, Camarões, Guiana, Guiné-Conakry, Índia, Indonésia, Iraque, Jamaica, Jugoslávia, Cuba, Libéria, Nigéria, Peru, OLP, Sri Lanka, Tanzânia, Vietnã, Zaire e Zâmbia.

(Sobre o Movimento dos Não-Alinhados, ver páginas centrais).

Honremos a heroína Titina Silá

No momento em que comemoramos o sexto aniversário da morte da nossa heroína nacional, aquela que deve ser o exemplo do nosso comportamento e da nossa acção diárias, camarada Titina Silá, venho por este meio fazer um apelo a todas as mulheres da nossa terra.

Ao recordarmos a camarada Titina Silá, a nossa homenagem não pode saldar-se pelas lágrimas que sentimos a escorrer pela nossa face. Não. Ela deverá saldar-se, sim, no esforço da nossa capacidade militante, no nosso engajamento político consciente nas enormes tarefas de reconstrução nacional, no cumprimento intransigente da linha ideológica do nosso Partido, na realização dos seus objectivos maiores e na nossa participação activa na construção de uma sociedade nova. Assim poderemos construir a liberdade real para os nossos filhos, a felicidade de uma família livre, saudável e responsável.

Mulheres da Guiné! Para que a nossa homenagem a Titina Silá seja sincera, devemos reafirmar mais uma vez a nossa vontade inquebrantável de honrar o exemplo e a experiência que ela nos legou, para que o sacrifício que ela consentiu não seja em vão.

Camaradas, vamos redobrar a nossa vigilância, vamos intensificar a nossa luta contra o sub-desenvolvimento, contra o obscurantismo e contra a miséria, a favor dos nossos direitos na sociedade em que vivemos. Só assim seremos estar à altura das nossas responsabilidades.

Ao comemorarmos o aniversário da morte de Titina Silá, temos que pensar seriamente no exemplo de coragem e dedicação ao PAIGC que ela nos deixou. Mas este é também um dia de luta. Por isso, este ano vamos mobilizar-nos em torno da Comissão Feminina do PAIGC e honrar condignamente esta combatente, mulher e mãe. Vamos organizar sessões de esclarecimento nos nossos bairros e locais de trabalho para que as novas gerações nunca possam esquecer os nossos heróis, aqueles que deram a sua vida pela causa da liberdade desta bela Pátria de Cabral.

Avante, camaradas mulheres. A hora não é de palavras. Pegar teso é a palavra de ordem. Vamos homenagear com firmeza a nossa heroína Ernestina Silá.

MIKA LIMA

A JAPG constrói pequenos portos no interior do país

A Junta Autónoma dos Portos da Guiné-Bissau (JAPG), apesar dos poucos meios de que dispõe e da falta de técnicos especializados na construção, está a reparar portos abandonados durante a guerra colonial e a construir outras no interior do país.

O Porto de Binta, situado no norte do país, e reparado recentemente, tem cerca de cinco metros de largura e 25 metros de comprimento, e tem condições para receber navios até 3.500 toneladas de arqueação bruta. A antiga

ponte-cais, que possibilitava o escoamento da madeira para o estrangeiro, foi completamente abandonada durante a guerra. Depois da independência, os trabalhadores da JAPG reconstruíram-na com pranchas da madeira e cibes. Neste momento só pode receber pequenas embarcações que fazem o escoamento dos produtos da zona norte do país para Bissau, mas os navios maiores não podem lá atracar.

No entanto, ao lado, vão começar a construir

um porto maior com capacidade de atracagem de barcos até 100 metros de comprimento. Aí já poderão atracar barcos estrangeiros e os produtos nacionais poderão ser escoados para o exterior sem passarem por Bissau. O material para a construção desta ponte-cais já está em Bissau e vai ser brevemente transportado para Binta.

Por outro lado, a JAPG construiu uma pequena ponte-cais flutuante em Xime, no leste do país. E tem um projecto para

construção de outro porto em Bijene. Segundo o Director da Junta Autónoma dos portos da Guiné-Bissau, essas obras ficarão prontas ainda este ano. Havia também projectos para o sul do país, mas como o nosso Governo já previu o financiamento para a construção de três pontes cais nessa zona, a JAPG adiou a sua construção.

Recorde-se que a zona de Binta tem grande importância, porque o canal do rio Farim que por aí passa é mais profundo do que o do rio Geba.

O Dia dos Heróis Nacionais nas regiões do país

Continuam a chegar até nós notícias das regiões do país, assinalando as reuniões aí realizadas no passado dia 20 de Janeiro, em homenagem à memória dos nossos heróis da luta de libertação nacional e em solidariedade com a luta do povo da Namíbia.

Assim, para além de intensas reuniões nos bairros e em locais de trabalho nesta capital, a região de Bissau comemorou essa data com especial destaque para os sectores de Quinhamel (capital regional) e Prabis. Em Quinhamel, o acto foi presidido pelo Presidente do Comité de Estado regional, camarada Orlando Nhaga, no qual participaram responsáveis políticos e administrativos e vários populares. De todas as intervenções, realça-se o papel que coube aos heróis nacionais desempenhar para que hoje o nosso povo viva a sua liberdade.

Em Prabis, a sessão foi presidida pelo Presidente do Comité do sector, camarada Armando Augusto Malú. Na ocasião, a juventude local

emitiu um comunicado no qual se compromete resolutamente com os objectivos fixados pelo PAIGC e com as decisões emanadas pelo Secretariado Nacional Provisório da JAAC.

Na região de Cacheu, a data foi comemorada particularmente nos sectores de recife e Bula. Em Bula, o Presidente do sector, Paulina Cassamá, e delegações de deputados, conselheiros regionais e colaboradores distribuíram-se pelas várias secções, realizando comícios com as populações, nomeadamente em Cú, São Vicente, Pét e João Landim.

Em Bula, o período da tarde foi preenchido por manifestações desportivas e culturais.

Em Bubaque, o programa esteve marcado por uma reunião na sede do Comité de Estado, com a participação dos representantes de comités de base, e nas ilhas de Suga, Canhabaque, Orangozinho e Canogo, para onde foram destacados quadros do Partido realizaram-se também reuniões. À noite, uma sessão

cultural marcou o fim do programa. Nela foram apresentadas peças teatrais, poesias, canções revolucionárias e o folclore nacional.

O 20 de Janeiro foi também comemorado no sector de Binar (região de Oio) com um desfile de alunos e professores, deposição de flores junto a um pequeno monumento à Amílcar Cabral, após o que se deu início ao comício presidido pelo vice-presidente do sector de Bissau Wagna Tchudá, na presença de vários responsáveis políticos e departamentais.

Foram evocadas as memórias dos heróis nacionais e reafirmada a solidariedade com a Swapo e o povo namíbio, efectuada a distribuição de prémios aos alunos mais disciplinados e apresentada um espectáculo que constou de uma sessão teatral, e ginástica massiva pelos alunos da secção de Enchalé. No fim, Wagna Tchudá inaugurou uma exposição alusiva à aquela data histórica.

Rectificação

Na nossa edição de terça-feira, «pousou uma gralha» na notícia sobre o «Mama Djombo». Lê-se, a certo passo, que os discos serão gravados «pela DEDIL, de Valentim de Carvalho». Ora, a DEDIL, que é o muito nosso Departamento de Difusão do Livro, não grava discos: simplesmente patrocina a sua edição. Valentim de Carvalho (VADECA) é o nome da empresa discográfica portuguesa à qual esse trabalho foi encomendado. As nossas desculpas pelo lapso.

XXX

Também na edição de quinta-feira, uma gralha impertinente fez-nos chamar ao nosso colaborador João Sampaio, que assina o artigo de opinião da página 6, «lofamos» do ensino secundário, em vez de professor. Especialmente para João Sampaio, as nossas desculpas.

Responde o povo

«Mama Djombo» o primeiro «LP» está na forja

Por iniciativa do Departamento de Difusão do Livro e do Disco, o conjunto musical «Mama Djombo» vai gravar, numa empresa discográfica portuguesa, o seu primeiro «LP».

Trata-se do justo reconhecimento de um trabalho colectivo, iniciado logo a seguir à nossa independência, e que muito tem contribuído para divulgar e valorizar a riquíssima tradição musical do nosso Povo. O «Mama Djombo» tem conseguido, por outro lado, aliar a qualidade artística à intenção política, introduzindo nas letras que interpreta, a sua visão dos anseios do nosso povo, a história da nossa luta pela independência e os objectivos do PAIGC.

Achamos por isso oportuno inquirir junto de alguns populares qual a sua opinião sobre o trabalho do «Mama Djombo» e sobre a sua escolha para gravar este novo «LP».

UM BALANÇO POSITIVO

Mamadú Djaló, empregado da função pública — «Mama Djombo», logo nos seus primeiros tempos já mostrava um

conjunto que viria a ser aquilo que é hoje. Ao longo dos anos, o seu trabalho, ao meu ver, tem tido objectos negativos e positivos. Mas a verdade é que eu sempre estive

convencido de que iria superar essas dificuldades, isso precisamente porque conheço as pessoas que lá estão, dotadas de conhecimento musical altamente apreciável e que estavam interessados em que o «Mama Djombo» viesse a ser um dos melhores conjuntos da nossa terra.

Nestes dois últimos anos, esse conjunto fez um trabalho tão positivo, que eu pessoalmente, não esperava. Algumas músicas de luta, foram especialmente bem orquestradas e cantadas. De maneira que acho justa a ida deste conjunto à Portugal fazer gravações, porque na realidade estes discos terão uma grande aceita-

ção por parte do público, dado o alto significado de que revestem as músicas do «Mama Djombo».

RESULTADO DO TRABALHO ARDUO

João Higino da Costa, estudante — Desde o início do «Mama Djombo» até esta fase de desenvolvimento, podemos dizer que foi um trabalho árduo em que eles se empenharam com toda a abnegação, com o objectivo de virem a ser transmissores das ideias do Partido, dos objectivos do nosso povo.

Acho justa a iniciativa de irem para Portugal fazer gravações. Aliás, um

dos princípios legados pelo nosso imortal líder Camarada Amílcar Cabral, é o de incentivar a participação activa dos nossos jovens no campo da cultura.

Queria lançar um apelo aos jovens músicos da nossa terra para que não se deixem levar pela música estrangeira, para que se esforcem no sentido de preservar o nosso património cultural.

AGRUPAMENTO QUE MAIS COESÃO REVELOU

Paulo da Silva, funcionário da Energia e militante da JAAC — Para mim, o «Mama Djombo» que foi criado logo após a nossa independência,

soube manter a sua coesão interna, o que lhe permitiu uma evolução positiva, nos aspectos técnico e qualitativo. É um dos conjuntos que interpreta a nossa realidade concreta em forma de música, os sentimentos do nosso povo e os sucessos alcançados durante a histórica luta.

No contexto da interpretação das músicas modernas, o «Mama Djombo» ultrapassa a nossa fronteira, na medida em que não interpreta só as nossas músicas, como também as de muitos outros países o que vem demonstrar o carácter solidário deste agrupamento para com outros povos.

Directrizes do Secretário-Geral para o novo ano (1)

"Só a perseverança e a disciplina nos permitirão consolidar a soberania nacional"

«Só a seriedade a perseverança, a disciplina e a eficácia no trabalho metódico e responsável, nos permitirão dar maiores e mais importantes passos no sentido da consolidação da nossa soberania nacional e do nosso Estado», afirmou o camarada Arisudes Pereira, Secretário-Geral do PAIGC e Presidente da República irmã de Cabo Verde na sua mensagem do fim do ano, ao povo caboverdiano, que começamos hoje a sua publicação.

Povo de Cabo Verde! Compatriotas, Camaradas,

Estamos no fim de mais um ano que se passou da nossa vida e da nossa luta: Da nossa vida de povo livre, soberano e independente, senhor do seu próprio destino. Da nossa luta para a reconstrução nacional, luta contra a seca, luta contra as malélicas e resistentes taras do colonialismo, luta para o aperfeiçoamento e valorização da maior se não a única riqueza de que dispõe a nossa terra: o homem caboverdiano, ou melhor o homem, unicamente, na sua acepção mais ampla e mais perfeita.

Nos escassos anos de independência já vividos, confirmamos de maneira prática que não há milagres na construção de um país. Na base dessa experiência e de uma análise rigorosa e objectiva da nossa realidade e das incidências da conjuntura político-económica mundial sobre a nossa vida, sabemos ainda que só a seriedade e a perseverança, a disciplina e a eficácia no trabalho metódico e responsável, nos permitirão dar maiores e mais importantes passos no sentido da consolidação da nossa soberania nacional e do nosso Estado, e ainda do lançamento das bases indispensáveis para a edificação de uma economia viável, no caminho do desenvolvimento e do progresso.

Vamos começar o novo ano de 1979 com um valioso capital de experiência, acumulado durante o período que decorre desde o histórico 5 de Julho de 1975, o que reforça o nosso optimismo e confiança no futuro. Porém, seguindo sempre a tradição do nosso grande Partido, a nossa palavra será mais uma vez a expressão da verdade e portanto temos que dizer que as tarefas que nos aguardam no ano de 1979 continuarão a ser difíceis e complexas, exigindo ainda maiores esforços e sacrifícios para cada filho da nossa terra, seja em que posto se encontrar.

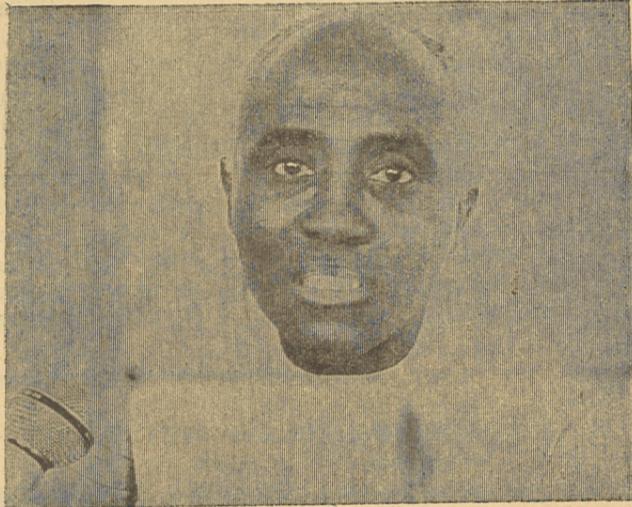
Será necessário que todo o cidadão, consciente dos seus deveres de patriota, meta mãos à obra neste momento histórico da vida do nosso povo, com a vontade e coragem de verdadeiro combatente, como soldado da paz na reconstrução nacional, para que possamos acelerar o processo da materialização progressiva das ideias e objectivos do PAIGC, o que significa a efectivação de realizações práticas capazes de mudar para melhor e definitivamente o modo de vida do nosso povo.

A carga que pesa sobre os nossos ombros é ainda extremamente pesada, mas no entanto estamos absolutamente certos de que todos saberão estar à altura da grandeza desse empreendimento máximo nacional, que está acima de todos os nossos pequenos interesses egóicos ou individualistas, e que é a reconstrução nacional.

Nessa certeza e no espírito de unidade e concórdia que sempre caracterizou a nossa acção, nesta ocasião em que tradicionalmente fazemos uma pausa para reflectir um pouco mais e estabelecer o ponto da situação, ou seja onde estamos e para onde vamos, antes de mais venho saudar de maneira fraternal e solidária todos os caboverdianos — tanto os que lutam na nossa terra por uma sociedade mais próspera e justa, como os que labutam na emigração, atentos ao destino da Pátria —, augurando um novo ano de paz, de trabalho fecundo e de felicidade para cada filho da nossa terra amada.

HOMENAGEM A FRANCISCO MENDES

Ao iniciar uma pequena retrospectiva do que foi o ano agora findo, tenho de fazer



primeiramente uma referência especial à trágica e prematura desapareição física do grande militante do nosso Partido, combatente exemplar, eminente dirigente político, homem de Estado que foi o nosso Herói Nacional, Francisco Mendes, membro da Comissão Permanente do CEL do PAIGC, primeiro Comissário Principal do Conselho de Comissários de Estado da República irmã da Guiné-Bissau. Para o nosso povo e o nosso Partido, foi uma perda irreparável imensamente sentida por todos os militantes e patriotas dos nossos dois países.

Pertencendo àquele pléiade de jovens que, no limiar dos anos 60, sob o impulso dinamizador e a esclarecida orientação do Camarada Cabral, contribuíram de forma decisiva para o desencadeamento do processo que conduziu à libertação da Guiné e Cabo Verde, o Camarada Francisco Mendes eleva-se à altura de símbolo do militante do P.A.I.G.C., e a sua existência confunde-se com a nossa história colectiva.

Perdurando na nossa memória o exemplo da sua vida toda dedicada à causa do nosso povo, como militantes e combatentes consequentes, temos que tirar todas as lições de tão trágico aconteci-

mento e transformá-las em fonte fecunda de inspiração, para dinamizar a realização do mandato que a História nos reserva.

Compatriotas, Camaradas,

O ano de 1978 foi um ano excepcional em novas experiências adquiridas e grandes esforços dispendidos no sentido do reforço da organização do Partido, pondo de pé progressivamente as estruturas bi-nacionais, regionais e de base, de acordo com as orientações traçadas pelo III Congresso do PAIGC, em Novembro de 1977, do prosseguimento da estruturação do Estado, reorganização da nossa administração e lançamento das bases mínimas para a construção de uma economia sólida.

No ano findo, ficou claro para todos que a situação de seca prevalecendo na nossa terra, não podia continuar a considerada de eterna emergência, como vinha sendo até agora tratada. — Temos uma situação objectivamente contínua ou permanente, resultante da nossa particular posição geográfica e do abandono se-

cular a que nos votou o regime colonial, e é portanto a partir desta dura realidade que temos que nos mobilizar e organizar cuidadosamente para opôr a essa mesma situação uma luta metódica de longa duração, com uma estratégia, e tática apropriadas, essencialmente apoiada em princípios científicos e na utilização racional dos meios humanos e materiais que conseguirmos pôr à disposição do nosso país.

O nosso Governo tem-se mostrado à altura das suas responsabilidades e tem agido de acordo com esta nova concepção da nossa realidade.

A AUSTERIDADE CONTINUA A SER A LINHA MESTRA

No ano de 1978 apesar das chuvas caídas nalgumas ilhas terem sido às vezes abundantes, a sua irregularidade e o seu curto período de precipitações, reduziram muito os benefícios que poderiam trazer à terra, sedenta de água há tantos anos. Embora tenhamos a registar a recarga bastante substancial de certas nascentes e a garantia de algum pasto para o nosso gado, e ainda uma reduzida produção tem certas ilhas, os resultados do ano agrícola são medíocres, para não falar nos prejuízos provocados pelas enxurradas.

No entanto, o facto de ter chovido, mesmo provocando perdas de terra arável e de culturas, teve o aspecto positivo de confirmar ao nosso povo camponês, e da forma mais objectiva, a verdade e a justiça da linha traçada pelo Governo, para orientação dos trabalhos de conservação de solos e de água, factor de capital importância para o futuro de toda a nossa vida nacional.

Foi uma oportunidade única dos nossos trabalhadores do campo poderem ver o resultado dos seus esforços e sacrifícios durante meses e anos, do seu duro e paciente trabalho de construção de diques e outras obras de correcção torrencial, particularmente em S. Tiago, Fogo, Brava e Boa Vista, e assim compreender em toda a sua realidade objectiva a grandeza e a importância de que se revestem tais trabalhos, na grandiosa obra global de transformação que vamos de certeza realizar na nossa terra.

O nosso Governo prossegue com o seu programa de alta intensidade de mão de obra, como meio de fazer face, da maneira mais racional e consequente, à situação actual a curto e médio prazo, e prepara um plano de desenvolvimento económico que, no nosso caso específico, assume aspectos extremamente complexos.

A austeridade continua a ser a linha mestra de orientação da actividade económica e financeira do país, como gerador de estabilidade e factor de disciplina e rigor em todos os sectores.

Então, prosseguem os esforços de edificação do nosso Estado, que deve assentar em estruturas novas, fortes, e amplamente populares, como condição indispensável para a satisfação das aspirações mais profundas do nosso povo e realização efectiva da importante tarefa de conduzir o país na via do desenvolvimento.

No entanto, não podemos deixar de nos referir aqui ao papel fundamental que é chamada a desempenhar a grande riqueza a que fizemos menção no início desta mensagem: Queremos fazer referência ao homem caboverdiano.

Para cumprir a nossa missão histórica temos que regressar às origens profundas da nossa cultura, como meio necessário para nos reencontrarmos como o elemento essencial e dinâmico para a construção da sociedade nova, do país novo que todos sonhamos ver surgir nas nossas queridas ilhas, para os nossos filhos e as gerações futuras.

Temos de reverter as nossas mentalidades, de forma a que surja o caboverdiano novo, patriota, com respeito e amor pelo trabalho, com brio profissional, que seja, enfim, capaz, na austeridade e responsabilidade liberto das taras do individualismo e do egoísmo — de dar o melhor do seu esforço e energia para o desenvolvimento sócio-económico do país.

Este processo está em curso, e temos plena certeza de que todo o bom caboverdiano vai corresponder a chamada que lhe faz a dinâmica da época que estamos a viver.



AMILCAR CABRAL

A prática revolucionária

2. A ACÇÃO MILITAR DOS COLONIALISTAS PORTUGUESES.

APRECIACÃO DOS SEUS BALANÇOS

Pela segunda vez no decurso da sua guerra colonial de genocídio que fazem contra o nosso povo africano, os colonialistas portugueses tornaram público um balanço das suas actividades, o último dos quais diz respeito ao ano de 1970.

Naturalmente, os balanços de uma guerra colonial representam, para todas as consciências sãs, uma confissão de crime contra a humanidade, quaisquer que sejam os adjectivos e os números que os compõem, quaisquer que sejam as mentiras que os avolumam. Dispensamos comentários.

Contudo, parece-nos interessante, pela conclusão a que dão lugar, apreciar de mais perto alguns dos «números» e dos factos contidos nos balanços dos colonialistas portugueses, cujo fim principal é enganar a opinião portuguesa e mundial sobre a situação real na nossa terra.

Evidentemente, não tiveram a coragem de incluir nos balanços os actos criminosos que praticaram quotidianamente contra as nossas populações, o número de aldeias bombardeadas com «napalm», os assaltos terroristas com tropas heli-transportadas, os assassinatos de velhos, mulheres e crianças indefesos, os assaltos e bombardeamentos contra hospitais e escolas, o número de patriotas presos, torturados e assassinados, nem tão-pouco as provocações e agressões ignóbeis contra os povos dos países vizinhos.

Os colonialistas calam os factos e os resultados do que constitui o aspecto principal da sua acção no nosso país: os bombardeamentos com «napalm» e os assaltos terroristas com tropas heli-transportadas contra a população civil. Factos que foram largamente comprovados por observadores insuspeitos, tais como jornalistas, cineastas, escritores e outras entidades individuais ou colectivas de diversas nacionalidades, entre as quais, mais recentemente, uma delegação oficial sueca.

Enquanto no balanço de 1969 os colonialistas se limitaram às perdas que teríamos sofrido e ao material que teriam recuperado, no balanço de 1970, que reflecte a nova política adoptada por Marcello Caetano na guerra colonial, referem-se largamente às chamadas «obras de carácter económico e sociais» (entregas a quais alguns postos sanitários e postos escolares) realizadas durante o ano.

Os colonialistas «esqueceram-se», porém, de fazer referência às diversas mesquitas que destruíram, e aos milhões gastos com as peregrinações a Meca, provavelmente católico.

Na História do Portugal colonial, os nossos alunos (das ex-colónias) conheceram Gungunhana como um traidor à «Pátria Portuguesa», e o seu nome tornou-se vulgar entre as crianças como um termo pejorativo. Foi o que os ocupantes quiseram impingir na mentalidade de todos os povos por eles dominados. A pretexto de uma «expansão da fé cristã», praticava-se um expansionismo de extermínio nos territórios africanos. O nosso público conhece uma face falsa do Gungunhana. Ele era porém, **«a personalidade cultural de um povo, hoje enriquecida pela tomada do poder pelas massas trabalhadoras de Moçambique»**, e importa, portanto, trazer a lume as causas que levaram à sua prisão pelos portugueses, em 1895, que o enviaram para os Açores.

Quem foi, afinal, Gungunhana? Ele pertenceu ao grupo de vários régulos e imperadores africanos que, de formas variadas e muitas vezes tardias e dispersas, ofereceram forte resistência às invasões colonialistas. É o caso de Almani Samory Turé, na actual Guiné-Conakry, Ahmadu, filho de Omar, no Senegal, e N'Fali Sonco, Bacampul C6, Cumeré e Okinka Pampa, na nossa Guiné-Bissau. Apesar de alguns erros que certos deles cometeram, próprios daquela época, o movimento de libertação nacional africano da segunda metade do século XX considera, contudo, estes heróis como percursores e presta-lhes uma homenagem meritória.

O sr. A. Liengne, a quem o próprio Gungunhana baptizou com o nome de Mugaza (filho do Gaza), falou sobre essa figura da resistência moçambicana, numa entrevista à revista «Tempo», quando se encontrava em Maputo, em Setembro passado, a convite da Universidade Mondlane, que vamos transcrever em duas das nossas edições.

A. Liengne era filho de um missionário belga que viveu no reino de Gungunhana de 1892 a 1895. Liengne, agora de idade avançada, fala detalhadamente nas histórias que o pai lhe contou e daquilo que ficou escrito num álbum diário, durante a sua estadia em Mandlakaze.

Para Liengne (Mugaza), impressionou-o a personalidade que seu pai lhe descreveu de Gungunhana: **«Gungunhana não queria guerra (...) mas queria ser independente. Os portugueses gritavam que queriam a paz, mas iam queimando tudo»**. Ele contou aos nossos companheiros da revista «Tempo» que Gungunhana só foi derrotado porque foi traído, falou das intrigas colonialistas em volta de Gungunhana depois da Conferência de Berlim.

Assim, Cecil Rhodes, o colonialista inglês que deu nome à colónia britânica da Rodésia, ofereceu ouro e marfim para que Gungunhana não lhe

fizesse guerra. E os franceses tentaram fazer uma aliança com ele contra os portugueses. Enquanto os portugueses, de um lado, procuravam destruir Gungunhana, os ingleses, por outro lado, preferiam manter calma à zona para aumentar a sua influência sobre Moçambique.

A entrevista também revela a traição de Kuyu, um dos tios de Gungunhana, sem a qual a vitória dos portugueses teria sido difícil.

Pergunta: Quando é que seu pai viveu com Gungunhana e como é que era tratado como médico?

Resposta: — O meu pai chegou em 1892 e foi logo aceite por Gungunhana e considerado como amigo. Por vezes, o meu pai tinha de ausentar-se para Anticka ou qualquer outro sftio durante várias semanas, e a minha mãe ficava s6-

Tempo- -N6 Pintcha

zinha sem problemas. O meu pai ficou em Mandlakaze até 1895, quando os portugueses atacaram Gungunhana. Ele devia ter sido fuzilado pelas tropas de Mouzinho de Albuquerque e só não o foi pelo seguinte motivo:

Quando os combates começaram, o meu pai quis afastar a família da zona perigosa, pois a Missão ficava entre o acampamento dos portugueses e a aldeia de Gungunhana. Entretanto, Hakamela, um changane que sabia ler e escrever e era escrivão de Gungunhana, fora encarregado de salvar o tesouro do rei — dois grandes vagões com ouro e dentes de elefantes. Ele escondeu um desses vagões e o outro, como era muito pesado, foi em parte na carroça onde ia a minha mãe. Tiraram coisas (a minha banheira de bebé, por exemplo) para pôr as de Gungunhana. Deste modo, o meu pai teve de andar durante vários dias para nos apanhar.

GUNGUNHANA POR QUEM O CONHECE

P: — Qual era exactamente a situação, que nos parece confusa, nos anos de 1892, a 95?

R: — A Actual Mandlakaze não é a Mandlakaze de que se fala nas notas do Dr. Louis Liengne (meu pai). A Mandlakaze de que se fala é muito mais longe. Havia três aldeias com esse nome.

Quando Gungunhana veio do Norte, instalou-se nas margens do Lago Soulé. De lá partiu para a segunda Mandlakaze, porque as suas mulheres e o seu povo morriam de malária. Emigrou uma vez e depois uma segunda para mais longe ainda. Ele foi para perto da planície de Manguanhane, uma grande planície sobre a qual há uma colina em que Gungunhana se instalou.

Recebeu aí a primeira visita de um missionário suíço, o Dr. Henri Bertot que partiu de Valdésia, no Transvaal, para ver Gungunhana. Partiu a pé para uma viagem de 450 quilómetros. Perguntou ao Gungunhana se aceitaria um médico-missionário — o meu pai. Gungunhana disse que sim e o meu pai foi uma primeira vez, em 1892, vê-lo, mas re-

gressou ao Transvaal, pois os seus superiores do Conselho da Missão tinham-lhe dito que devia fazer um relatório. Após a apreciação do relatório, foi enviado definitivamente para junto de Gungunhana. Lá manteve muito boas relações com ele, pois gostava muito do meu pai.

O meu pai tratou das numerosas mulheres de Gungunhana — ele tinha mais de 300 mulheres, além das concubinas e muitos filhos. O meu pai podia ir onde quisesse e quando quisesse. Era livre e conhecido. Chamavam-no Dogodela (Doutor). Quando ouvirem falar de Dogodela é o meu pai, tanto aqui como no Transvaal. O meu pai teve de partir mais tarde por causa dos portugueses, para o norte, para o Transvaal, onde fundou o Hospital de Elim, que ainda existe.

Foi então que se deu o caso de Maazul e Matibejana, que estavam na região entre Lourenço Marques e o Incomati. Essa região estava sob a dominação portuguesa, ao passo que, do outro lado do Incomati, a região de Gaza não o estava.

Tinha havido um tratado entre os portugueses e os ingleses, segundo o qual Gungunhana tinha plena jurisdição sobre essa região. Entã Maazul e Matibejana voltaram-se contra os portugueses, mas foram eles derrotados e refugiaram-se junto de Gungunhana, que lhes deu asilo e lhes disse que podiam ficar como refugiados. Entretanto, os portugueses exigiram que Gungunhana lhes entregasse dois guerreiros. Então o meu pai disse ao «tu deste a tua palavra não podes voltar a

O que podes fazer convencê-los a entregarem-se da sua liberdade, se os portugueses lhes perdoarem».

Os portugueses, porém, não aceitaram a condição e formaram um exército. Mandaram soldados da metrópole alistaram também africanos e avançaram. Gungunhana tinha reduzido seu exército de 50 homens já muitos tinham morrido antes, em 1894, e serviu-o até Outubro de 1895. Nessa altura fugiu para a casa (com 25 mil para que não ressem de fome. Outros continuaram a sobreviver do que eles tinham. Comiam pássaros, ratos, até tudo isso desaparecer. Então, Umpibeke que era viúva de Matibejana e Gungunhana que era considerado pai-mãe, embora fosse, e que tinha grande influência, pirou contra Gungunhana juntamente com o tio deste chamado

Kuyu fora de Gungunhana quando este subiu ao trono, mas arrependeu-se e confessou as suas traições a Gungunhana. Apesar disso, traíu Gungunhana. Quando os portugueses chegaram, Umpibeke e Kuyu enviaram que foram dizer aos portugueses: «finjamos em retirada» e deram dizer ao Gungunhana: «podes mandar bora as tuas tropas os portugueses e fugir» e Gungunhana não fez.

Depois os espiões foram de novo para os portugueses a dizer

O perfil de um guerreiro e a personalidade de um povo

«Em 1895 Gungunhana é preso pelos portugueses e mandado para os Açores. Junto com ele segue grande parte da sua família mais directa. O povo é torturado e massacrado, as suas casas e a sua produção são queimadas pelos soldados de Mouzinho de Albuquerque.»

Gungunhana é deportado, e com essa acção os portugueses esperavam apagar um foco de resistência à sua política invasora, pretendiam apagar o seu nome e a tradição da resistência do povo ao colonialismo. Na cabeça das pessoas porém a resistência que Gungunhana havia comandado contra os portugueses permanece viva, embora sob outras formas — a divisão imposta com traição a Gungunhana, o massacre e a liquidação massiva das populações, não permitia nessa fase a continuação de uma resistência armada activa.

Gungunhana foi, enquanto Moçambicano um residente. Gungunhana soube organizar o povo para a resistência ao invasor. Como chefe político, lutou por manter a independência do seu reino face a unidade entre colonialistas ingleses e portugueses. Soube também beneficiar das contradições criadas pela política expansionista que opôs os colonialistas após a conferência de Berlim.

Gungunhana, porém, como chefe feudal, como rei, oprimiu o seu povo, ou as tribos que não lhes queriam prestar uma vassalagem directa. Embora sem fazer comércio, ele tinha escravos — os quais em tanto que homens nada decidiam. De outro lado, e embora recusando a cultura e a religião que lhe vinha do

invasor ou estrangeiro, impunha ritos religiosos desumanos e cruéis.

Gungunhana soube organizar a defesa das populações do seu reino da expansão colonial, mas porque mantinha o sistema de escravos e certas estruturas da exploração feudais não pode defender-se da divisão, e vacilou até à rendição.

Oposta já a esta sua atitude, encontramos uma maior consequência de objectivos no seu chefe militar Maguiguana. Este nunca se rendeu, acreditou cegamente na resistência popular e só o desequilíbrio militar favorável aos portugueses o derrotou.

Gungunhana foi derrotado não apenas pela fraqueza da resistência, mas pela fraqueza do sistema social económico em que estava organizado o seu reino, e pelo consequente desnível de desenvolvimento militar entre o povo moçambicano de azagaia na mão, resistindo ao colonialista escondido e protegido pela metralhadora e canhão.

Os colonialistas em Moçambique encontraram na fase que se seguiu à Conferência de Berlim a poderosa oposição. Eles tinham, porém, ao seu lado, a divisão tribal e a falta de unidade que a FRELIMO saberia construir a partir de 1962, e à qual a FRELIMO soube não só juntar o sentido de independência real, como ainda a alteração e liquidação de todas as estruturas exploradoras e opressivas. Em Gungunhana encontramos um outro factor fundamental: a personalidade cultural de um povo, hoje enriquecida pela tomada de poder pelas classes trabalhadoras do país».

Reforçar a luta anti-imperialista



tem usado a interferência nos assuntos internos de países não-alinhados para influenciar o seu desenvolvimento sócio-político e a sua política externa e circunscrever a sua independência.

Concernente ao desenvolvimento económico, a reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos não-alinhados propôs a criação do Conselho dos Países Associados Produtores e Exportadores de Matéria-Prima como medida concreta que servirá para as negociações económicas futuras com as nações industrializadas.

Em Nova Deli, cria-se um centro internacional para o desenvolvimento técnico e científico e em Ljubljana, na Jugoslávia, um centro para a administração de empresas públicas. Está ainda em organização uma unidade de informação económica.

Um programa de acção determinado na conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros inclui vários campos de cooperação abrangendo a política comum em relação às matérias-primas e cooperação financeira, bem como a promoção dos direitos da mulher e da juventude e o combate ao desemprego.

As cinco cimeiras que precederam esta próxima, são a de Belgrado em 1961, do Cairo em 1965, de Lusaka em 1969, de Argel em 1973 e de Colombo em 1976.

A correlação de forças desde a primeira cimeira até ao momento actual alterou-se consideravelmente no mundo. Em 1961, grande parte do continente africano encontrava-se ainda dominado por potências estrangeiras, na Indochina o imperialismo submetia

os povos da região a uma guerra de destruição, muitos países agora com uma economia desenvolvida encontravam-se no ponto zero, e outros actualmente com regimes democráticos encontravam-se dominados por regimes de opressão. É evidente por isso que a situação política internacional mereça durante a realização da cimeira, um lugar de relevo. A actual situação nos chamados «pontos quentes» do mundo, nomeadamente, na África Austral e Médio Oriente há-de ser sem dúvida analisada com muito interesse.

Os países em vias de desenvolvimento onde se encontra grande parte da população do mundo beneficiam apenas de três por cento do rendimento mundial total e os países capitalistas industrializados com menor percentagem da população mundial beneficia de dois terços do rendimento mundial. Aqui está bem patente a injustiça na divisão internacional das riquezas do mundo, gerada pelo imperialismo; o movimento dos não-alinhados participa na luta pelo seu ajustamento.

O Oceano Índico tem sido alvo por parte do movimento dos não-alinhados de uma campanha com vista à sua desmilitarização a qual o imperialismo não dá a mínima atenção todavia e continua a montar mais bases, trazendo uma grave ameaça à paz e segurança dos países banhados pelo oceano.

A representatividade dos movimentos de libertação nacional que têm sido até agora dotados apenas de estatuto de observador, será reforçada na cimeira dos chefes de Estado do movimento. — (In «Tempo».)

A sexta cimeira dos chefes de Estado do Movimento dos países Não-Alinhados realiza-se no próximo mês de Setembro na capital de Cuba, Havana.

No decurso da próxima conferência, os participantes tentarão encontrar métodos de resolver os problemas que afectam a organização e a luta comum contra o imperialismo. Este movimento com cerca de 18 anos de existência dá prioridade ao desenvolvimento económico de cada país membro e de todo o conjunto a fim de tornar mais eficaz a luta contra o imperialismo. Quando se iniciou em 1961, o

movimento dos não-alinhados já dedicava a sua atenção à consolidação da independência política e económica de cada Estado membro.

O avanço da luta do movimento dos países não-alinhados tornou esta organização alvo da atenção por parte do imperialismo que reconheceu o perigo que representa para a sua existência e enceta tentativas para destruir a unidade dos membros da organização, alterar a política do não-alinhamento e enfraquecer o seu influente papel na vida mundial.

Pelo facto de as actuais manobras do im-

perialismo constituírem uma ameaça à existência do movimento, a cimeira dos chefes de Estado em Havana irá adoptar medidas de enfrentá-las de modo eficaz.

No encontro preparatório desta conferência que se realizou em Belgrado, capital da Jugoslávia, ministros dos Negócios Estrangeiros do movimento definiram as formas de actuação do imperialismo contra a organização, que são as tentativas de impor novas formas de dependência usando as corporações multinacionais para recuperar posições perdidas.

Observaram igualmente que o imperialismo

Novo supermercado da Socomi abrirá em Março

O supermercado da Socomi, na Avenida Amílcar Cabral, cujas obras deverão estar concluídas dentro de dois meses, será o mais espaçoso e bem equipado estabelecimento de produtos alimentares do país. Com uma superfície de 600 m² e dispondo de vários balcões frigoríficos e outros modernos expositores, o novo supermercado deverá empregar, logo na fase inicial, cerca de 20 trabalhadores, núme-

ro que a direcção da empresa prevê que venha a aumentar à medida que o movimento comercial o justifique.

Mais do que pela relativa grandiosidade da obra, a curiosidade do nosso repórter foi movida por compreensível dúvida sobre a oportunidade deste dispendioso empreendimento, num momento em que o consumidor da capital tem maiores razões para se inquietar com a escassez

de mercadorias à venda do que com a quantidade, dimensões e modernidade das instalações das lojas existentes. Por outro lado, sendo as duas grandes redes comerciais do país controladas directamente pelo Estado, a abertura de um grande supermercado da Socomi a escassas dezenas de metros do dos Armazéns do Povo — que, embora bem mais pequeno, dispõe de muito mais espaço de exposição do

que aquele que a mercadoria exposta ocupa, e não chega a utilizar os balcões frigoríficos que possui — sugere um espírito de concorrência que nada justifica, e que não trazia quaisquer benefícios ao público consumidor, e muito menos à economia nacional.

Manifestámos esta preocupação ao director comercial da Sociedade Comercial Mista, camarada Salazar, que começou por nos esclarecer

que este empreendimento não se insere num projecto de ampliação das actividades da empresa mas apenas na perspectiva de um melhor aproveitamento das instalações que já possuía e estava desaproveitado há muito. Para o local onde vai surgir o novo supermercado estavam planeadas um mercearia e uma loja de ferragens, tendo-se considerado mais racional

(Continua pág. 6)

12.^a Jornada do Nacional de Futebol Hoje Balantas-Benfica num jogo que promete muito

A 12.^a jornada do nacional de futebol começa hoje não só em Bissau, como habitualmente, mas também em Mansoa e Bafatá — com dois jogos antecipados, UDIB-Bissorã jogam no Lino Correia, enquanto Balantas-Benfica e Bafatá-FARP se defrontam no Corca Só e Municipal de Bafatá às 16h30.

Não há dúvida de que, entre estas três partidas, as atenções do público concentrar-se-ão mais em Mansoa. Os Balantas, que até à 11.^a jornada não sofreram nenhuma derrota no seu terreno, irá

mais do que nunca lutar para manter, não só essa invencibilidade, mas também a liderança da tabela classificativa.

Na época transacta, o Benfica foi o único clube dos «grandes» da capital que conseguiu passar no campo do seu antagonista desta tarde, ganhando por 2-0. O Sporting, que voltou a tombar esta época no Corca Só por 2-1, perdeu naquela temporada por 3-1, enquanto que a UDIB (esta época ainda não passou naquelas bandas) cedeu os dois pontos em disputa aos primeiros campeões nacionais, ao perder por

1-0. Será o Benfica capaz de repetir a proeza da época passada? Que ganhe a melhor e que os espectadores não se deixem vencer pelo espírito de clubismo:

Depois destes empates, teremos ainda, à noite, no Lino Correia, o jogo Ajuda-Ténis.

Amanhã, estarão frente a frente, no Lino Correia, Sporting e Bolama. Esta partida promete muito, pois a turma bolamense torna-se «egoísta» quando lhe aparece o Sporting pela frente. Não se contenta com os dois pontos que costuma

arrebatat aos «leões», quando joga no seu terreno, mas trata também de conquistá-los ao parceiro, mesmo quando joga no campo deste.

Gabú-Bula entreterá os desportista do Leste no domingo, enquanto que a equipa sensação deste nacional de futebol — o Futebol Clube de Cantchungo — fará uma viagem até ao Sul, onde irá defrontar o Futebol Clube de Quinara (Buba). Por último, temos a turma da capital do Norte — o Desportivo de Farim — que defrontará o Futebol Clube de Tombali.

Boavista em Bissau com o presidente português?

Vários jornais portugueses dão como certa a vinda da equipa de futebol do Boavista ao nosso país, acompanhando o Presidente Ramalho Eanes. Aqueles jornais afirmam que a equipa principal do Boavista tinha sido convidada pelo nosso Governo a deslocar-se ao país para efectuar uma série de jogos, tendo aquele clube aceite o convite. A fixação da data da vinda a Bissau da comitiva boavisteira era o único entrave, dependendo esta da presença da equipa «axadrezada» na Taça de Portugal.

Não conseguimos confirmar a notícia junto do presidente da Federação Nacional de Futebol, o camarada Avito José da Silva, até a altura do fecho desta edição, por se encontrar em visita de trabalho ao centro de Bachile, onde o Comissariado de Estado do Desenvolvimento Rural, de que é Secretário-Geral, tem vindo a levar a cabo importantes realizações no domínio de agricultura.

Esperamos, contudo, fornecer aos nossos leitores informações mais detalhadas no próximo número.

Abertura dum novo curso de arbitragem

Realizou-se ontem à tarde, na escola de formação da Comissão Central de Árbitros, a sessão de abertura de mais um curso de juizes de futebol, que conta com 22 participantes. Este curso, cuja cerimónia de abertura foi presidida pelo camarada Guilherme Monteiro, presidente da Comissão Central de Árbitros (C.C.A.) contou com a presença do camarada Nicolau Ramos, membro do Conselho Superior dos Desportos (CSD), e ainda vários outros membros daquele órgão e da C.C.A., será orientado pelos camaradas Guilherme Monteiro, Ramiro Morgado e Arnaldo Morais.

Os alunos estudarão neste curso, que decorrerá ao longo desta época desportiva — dependendo do tempo de duração dos seus aproveitamentos (tanto pode terminar no final desta época como no da próxima temporada) — sobretudo as Leis do Futebol.

Os candidatos a árbitros só entrarão em contacto com o público — início das aulas práticas que serão efectuadas nos jogos oficiais de menos responsabilidade — daqui a 60 dias. Na próxima 4.^a feira, haverá outra sessão de abertura de um curso, idêntico, mas para os camaradas das FARP. Segundo o camarada Guilherme Monteiro, «os camaradas que irão frequentar aquele curso podem vir a apitar no nacional de futebol, embora tudo leve a crer que arbitrarão exclusivamente as competições que se realizarão a nível das unidades militares.

Saliento aqui a importância desta iniciativa, porque as pessoas que lidam com o desporto devem ter a preocupação de conhecer as suas leis. Refiro-me aos delegados dos clubes nacionais, cuja maioria não percebe patavina do que é lei de futebol».

«No caso das FARP, se conseguir tornar homens neste domínio, os seus delegados poderão cumprir cabalmente as suas funções» precisou Guilherme Monteiro.

Presentemente, a C.C.A. luta com imensas dificuldades no que se refere ao número de árbitros para a cobertura dos jogos de cada ronda do nacional, da estadia, transportes e segurança dos seus filiados nos jogos que apitam em certos campos do país, como é o caso de Buba, Tombali e Bolama, onde as dificuldades se tornam ainda maiores, segundo o camarada Guilherme Monteiro. No caso de Buba, os jogos aí realizados não têm sido arbitrados pelos filiados da C.C.A.

O número de árbitros actualmente existentes — 14 não satisfaz as necessidades actuais. Em cada jornada são precisas 27 juizes. Todavia, pensamos que tanto o CSD como a C.C.A. devem, em conjunto, procurar solucionar este problema, para que os delegados das equipas em confronto não sejam obrigados a aceitar uma determinada pessoa, que por vezes não percebe do futebol, para arbitrar a partida, só no intuito de evitar que nenhuma delas fique lesada financeiramente.

Palavras cruzadas

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	M	A	R	A	V	I	L	H	A	S
2	A	N	O	T	E		A	O		A
3	T	E	T	I	N	A		R		
4	A	M	O	R	E	L	A	D		
5	R	A		A	Z	A	F	A	A	A
6		D	A		U	S	A		A	A
7		A	S		E		N	A	A	A
8		S	S		L		A	R		
9			A		A		D	E		
10			I	A			O	A		

HORIZONTAIS: 1 — Coisas admiráveis, coisas de passar 2 — Tome nota; contracção de preposição e artigo 3 — Heroína nacional; reis (abreviatura) 4 — Ficam assim quando estão pálidos, Aremessa; pedaço de madeiroadoentados ou enjoados 5 — É um animalzinho que anda pelas poças; grande e movimentado trabalho 6 — Entrega; utiliza; antes do meio dia 7 — Consuma; suga o leite da mãe 8 — Atacar 9 — Fazer grande publicidade das suas qualidades 10 — Junta-

VERTICAIS: 1 — tirar a vida; é uma das regiões do nosso país 2 — Entusiasmadas 3 — Assim se diz duma coisa quando está cheia de buracos; passai pelo lume 4 — ra utilizado quando alguém parte um braço ou uma perna 5 — País da América Latina 6 — Filieiras; Transportes Reunidos de Turismo (iniciais) 7 — Além; diz-se de algo que tem muita fama 8 — Bando indisciplinado e turbulento; superfície 9 — Acrescentam; preposição latino que significa momento 10 — Apelido; antigo vestimento rústico, género casaca.

Anúncios

CONCURSOS

Está aberto concurso na TAP — Transportes Aéreos Portugueses — E. P., para o provimento do lugar de Despachante de Tráfego e Operações, em Bissau.

Os interessados devem dirigir-se aos serviços administrativos daquela companhia, Praça dos Heróis Nacionais, n.º 14, para colherem as informações pertinentes. São requisitos:

- a) O curso Geral dos liceus (antigo 2º Ciclo) ou equivalente oficial.
- b) Falar com fluência, inglês e francês (e, adicionalmente, alemão, como condição preferencial).



O Comissariado de Estado das Obras Públicas, Construções e Urbanismo torna público que tem vagos e a preencher no seu quadro de pessoal os seguintes lugares: 2.º Oficiais 4 lugares 3.º Oficiais 3 lugares Aspirantes 7 lugares

a que correspondem os vencimentos mensais de 5.900,00; 4.800,00; e 4.200,00, respectivamente.

Os interessados poderão contactar a Secretaria-Geral deste Comissariado de Estado nas horas normais de expediente, em Brá, onde serão prestados todos os esclarecimentos necessários.

A admissão será precedida de prestação de provas informais, seguida de nomeação interina que assegurará ao candidato uma estabilidade no quadro de pessoal de nomeação.

As habilitações mínimas exigidas são as de exame do 5º Ano do liceu ou equivalentes.

Vende-se

Secretária com cadeira e estante de escritório — Rua 2 — 6-B — Bissau. Motor Eléctrico 2,4 cavalos. Rua 2 — n.º 6-B — Bissau.

Novo supermercado

(Continuação das Centrais) esta nova utilização.

Sobre os problemas do abastecimento, o director comercial da Socomi manifestou-se muito optimista, afirmando que, com o aumento da produção nacional verificado este ano, decerto vai ser possível aumentar a importação de mercadorias, perspectiva para a qual a empresa se prepara, ao abrir um novo estabelecimento com muito melhores condições para servir o público do que aquele que a empresa possui, frente ao porto. As restantes cinco lojas da Socomi em Bissau dedicam-se a outros ramos comerciais especializados, não se considerando útil a reconversão de qualquer

deles em loja de produtos alimentares.

O projecto do novo estabelecimento foi elaborado em colaboração com a cadeia portuguesa de supermercados «Pão de Açúcar», uma empresa de capital privado, que deslocou uma equipa de técnicos ao nosso país. Por outro lado, o «Pão de Açúcar» também colabora num projecto de reestruturação da rede comercial da Socomi, e abriu um crédito, cujo montante não conseguimos apurar, para o abastecimento das suas lojas. A mesma empresa também organizou um estágio em Portugal sobre técnicas comerciais com um grupo de quadros da Sociedade Comercial Mista, que já regressou ao país.

Farmacias

HOJE — «Farmácia Moderna» — Rua 12 de Setembro, telefone 2702.

AMANHÃ — «Farmácia Central» — Rua Vitorino Costa, telefone 2453.

"Os dias de Ancono"

um novo filme nacional para as crianças do mundo

O Instituto Nacional de Cinema lançou mais um filme (desta vez dedicado ao Ano Internacional da Criança) realizado por uma equipa dos nossos cineastas. Trata-se duma reportagem cinematográfica efectuada na Ilha de Bubaque, entre Junho e Agosto de 1978.

O filme é em 16 milímetros, colorido, com apenas 26 minutos de projecção, e intitula-se «Os dias de Ancono». A estreia efectuou-se anteontem, quinta-feira, na sala de reuniões do Conselho dos Comissários de Estado, na presença do Presidente Luiz Cabral e de mais dirigentes do país. A sua produção — feita em Paris — foi financiada pela Unicef, fundo das Nações Unidas para as crianças que fez a sua reprodução em três cópias sem legendas e comentado em português, francês e inglês.

«Os dias de Ancono» relata-nos uma «história»

vulgar do quotidiano das crianças do nosso país, na qual o personagem — uma criança bijagó de nome Ancono, — conhece, desde cedo, um ambiente e uma vida de sacrifícios no campo, junto dos seus. Em cada época de chuva, a família abandona a tabanca e fixa-se no lugar onde pratica a lavoura, só voltando no fim das colheitas. Por vezes, há um trabalho de entre-ajuda entre as famílias, outras vezes, trabalha-se nas parcelas do rei.

A tradição é dominante e, no meio dos adultos, Ancono, assim como os meninos da sua idade, não tem o direito à palavra nem a fazer perguntas consideradas impróprias para a sua idade. Limita-se à obediência absoluta aos pais e aos mais velhos, com quem aprende todas as artes da vida rural.

O filme termina procurando situar a história no contexto actual, em que

uma nova visão do futuro chega às consciências dos pais, que já não podem privar a Ancono do seu único direito de ir à escola no fim de cada época de chuva.

«Os dias de Ancono» é uma obra com um conteúdo interessante mas, segundo as opiniões dos cineastas realizadores (e como, aliás, pudemos constatar), o filme carece de uma sistematização de sequências, de interligação das cenas captadas. «Faltava-nos um cenário no momento da execução e, fundamentalmente, houve dificuldades lamentáveis, na concepção da montagem final do filme, o que levou à redução do filme de 53 para 26 minutos de projecção» — esclareceu Sana Na Hada. Uma dessas deficiências é notada na forma como o filme termina.

Ajuda sueca para o desenvolvimento da pesca artesanal em Bubaque

No âmbito do Projecto de Desenvolvimento da Pesca Artesanal de Bubaque, chegou a Bissau, na quarta-feira passada, a última remessa de importante material oferecido pelo Governo sueco ao nosso país.

Esse material consta de uma câmara frigorífica, com capacidade de 50 toneladas, uma máquina de gelo com capacidade para conservar sete toneladas de peixe por dia e de um silo frigorífico para armazenar o gelo que será distribuído aos pescadores. Nessa remessa estão também incluídos dois barcos construídos em ferro-cimento, que se destinam ao de transporte de peixe de Bubaque para Bissau e resto do país. Os barcos estão equipados com radar, rádio-telefone e porão isolado termicamente. Da oferta constam ainda quatro canoas, também em ferro-cimento, e uma parte em madeira, do tipo utilizado pelos «nhomincas».

Está previsto para hoje o transporte para Bubaque desse material. O Comissariado das Obras Públicas cedeu um guindaste que ficará algum tempo em Bubaque para descarregar o material. Seguem também hoje para aquela ilha dois técnicos suecos que farão a montagem da câmara frigorífica e da máquina de gelo. As construções em terra deverão ficar concluídas em Março. Na primeira semana de Fevereiro, vem a Bissau um técnico do estaleiro naval onde foram construídos os barcos para dirigir um estágio de cerca de quatro semanas com os pescadores. O trans-

porte do peixe para Bissau começa dentro de um mês.

Recorde-se que a primeira parte do material já tinha chegado há algum tempo, constando de cerca de 200 redes e vários motores para canoas que

já foram distribuídos aos pescadores.

O projecto de Desenvolvimento da Pesca Artesanal de Bubaque, financiado integralmente pela SIDA foi elaborado há três anos.

Aristides Pereira deixa hoje Portugal

(Continuação da 1.ª pá.)

no quadro do acordo de Bissau».

Após os dois encontros havidos entre os presidentes, o primeiro, durante um almoço em S. Julião da Barra e depois numa audiência, ao fim da tarde do dia 25, fontes oficiais afirmam que durante as conversações foi feita a análise da conjuntura internacional, dos conflitos do Sahara Ocidental e do corno de África, do recente desenvolvimento da situação na Rodésia e ainda da questão da Namíbia e da situação na África do Sul.

Foi oferecido ao presidente caboverdeano, no decurso do almoço, pelo seu homólogo português, dois livros sobre «Pátios e pousadas de Portugal» e «Palácios portugueses».

A necessidade de uma relação «mais igualitária» entre a Europa e a África foi sublinhada por Ramalho Eanes, ao discursar durante um jantar oferecido ao seu hóspede caboverdeano, na noite de quinta-feira no Palácio da Ajuda, em Lisboa. «Os povos dos dois continentes — afirmou o presidente português — na diversidade dos seus interesses, podem encontrar condições de compatibilidade

e de máximo interesse comum» Noutro passo do seu discurso, Ramalho Eanes sublinhou que Portugal contribuirá para obter uma «garantia válida contra eventuais ameaças de domínio por parte de potência hegemónicas. Essas potências, acrescentou, estão profundamente arredadas do conhecimento das realidades que unem historicamente os povos de ambos os continentes». O estreitamento de relações entre a Europa e a África para Ramalho Eanes, deverá implicar «um desenvolvimento menos desigual, uma modernização mais rápida, a consolidação das instituições políticas e dos sentimentos nacionais».

As relações com os países africanos de expressão portuguesa foram igualmente objecto de considerações por parte do chefe de Estado português. Segundo este, a posição de Portugal é clara e assenta no respeito integral da sua dignidade de Estado «soberanos», e assenta ainda «na legitimidade dos dirigentes políticos aceites e respeitados pelos seus povos». No que respeita às relações entre Portugal e Cabo Verde, a convergência verificada nas palavras dos dois presidentes

Visitantes de rabo comprido

Se há coisa que estimule a rica imaginação duma criança que se preze, é uma boa oportunidade de «gazetar» à escola.

Alguns alunos da escola do Ciclo Preparatório do Bairro da Ajuda, influenciados pelas histórias de ficção científica e por um grande desejo de irem dar uma voltinha, elaboraram um complicado enredo, segundo o qual seres extra-terrestres — com longos rabos, olhos rasgados na vertical e... calças «dongri» — teriam aparecido no Hospital 3 de Agosto. E para lá foram, em alegre bando, iludindo a vigilância dos professores, que não se entusiasmaram com a «presença» dos ilustres visitantes inter-planetários.

No 3 de Agosto, o pessoal viu-se em palpos de aranha para fazer debandar a miudagem, que queria à viva força procurar os «objectos» por todo o lado, quem sabe se para lhes agradecer o esforço feito para estreitarem relações — talvez de cooperação — com o nosso povo...

Questão da Coreia Provável encontro entre Piongyang e Seul

SEUL — A Coreia do Norte e a Coreia do Sul deverão encetar brevemente conversações sobre todos os problemas em suspenso entre elas. Propostas feitas nestes últimos dias, tanto por Piongyang como por Seul, deixam pensar na vontade das duas partes em dialogar sobre questões comuns.

De facto, na passada terça-feira, o governo norte-coreano propusera a convocação, para Setembro próximo, de um congresso pan-nacional

reunindo os representantes de todas as organizações políticas e sindicais das duas partes em que está dividido o país, para preparar as consultas bilaterais de Junho próximo.

Felicitando-se pela oferta de Piongyang, Seul propôs ontem, também, a realização, «logo que possível», de uma reunião preliminar, numa das capitais, para discutir todos os problemas em suspenso entre os dois países. — (FP)

deverá materializar-se com a assinatura, prevista para ontem, de dois acordos e três protocolos adicionais.

VISITA A LISNAVE

A cooperação entre Portugal e Cabo Verde no sector da construção e reparação navais foi mais uma vez salientada no decorrer da visita que o camarada Aristides Pereira efectuou na manhã de ontem às instalações da Lisnave, um dos mais prestigiados estaleiros do mundo. O presidente caboverdeano garantiu à Lisnave o desejo sincero de uma cooperação o mais estreita possível no campo da reparação naval e reconheceu «com agrado, a boa vontade da empresa, cuja experiência e eficácia garantem o sucesso dos projectos a que dá assistência».

Aristides Pereira, que foi recebido à chegada pelo vice-presidente da empresa, Costa Leal, pelo administrador-delegado-adjunto, Afonso Howell e por uma delegação da comissão de trabalhadores, referiu-se a um projecto da Lisnave de 1977 para a montagem em Cabo Verde de um estaleiro para reparação naval, e a construção de um complexo de pesca e de uma rede de frio.

Segundo os responsáveis da Lisnave, a edificação do complexo em Cabo Verde, cuja estação de frio já se encontra em andamento, trará «boas perspectivas para a pesca portuguesa de longo curso, a qual tem de ser desenvolvida em função do alargamento do mar português». Ainda na Lisnave, empresa onde trabalham cerca de 150 emigrantes caboverdeanos, o presidente Aristides Pereira foi apresentado com medalhas comemorativas da visita e com dois livros, um da autoria de Mário Ruivo sobre a figura do oceanógrafo D. Carlos de Bragança, e outro de um técnico da Lisnave, sobre a construção de pequenas embarcações.

ENCONTRO COM O PRIMEIRO-MINISTRO

O primeiro ministro português dr. Mota Pinto declarou na quarta-feira, durante o encontro de cortesia com o presidente caboverdeano, que a cooperação com as ex-colónias constitui «mais uma linha de força a desenvolver pelo actual Governo». Durante o encontro foram trocadas impressões de âmbito geral e bilateral, concretamente no que respeita à cooperação cultural e económica entre os dois países.

ULTIMAS NOTICIAS

PARTIDO SOMALIANO TERMINA CONGRESSO

MOGADÍSCIO — O congresso extraordinário do Partido socialista somaliano terminou os seus trabalhos na quinta-feira à tarde, após seis dias de deliberações, decidindo submeter a referendo, antes do fim do ano, o projecto de constituição do país, anunciou ontem a agência noticiosa somaliana «Sonna». O projecto de constituição, que foi adoptado por unanimidade pelo congresso, prevê a criação de uma assembleia popular legislativa e a eleição do presidente pelo povo, precisou a agência. Ela afirma, por outro lado, o carácter socialista da República Democrática da Somália, cuja direcção é assegurada pela classe operária sob a direcção do Partido-Estado, o Partido Socialista Revolucionário. O texto adoptado pelo congresso prevê ainda que o sistema económico será baseado numa planificação socialista que concederá prioridade aos sectores público e cooperativo, conclui a agência. — (FP)

RACISTAS MATAM ESTUDANTE NEGRO

LUANDA — N. Magengele, estudante negro de 23 anos, tornou-se em nova vítima da arbitrariedade dos racistas sul-africanos. Detido nos arredores do Cabo, ele foi selvaticamente açoitado e atirado para uma prisão. As autoridades anunciaram depois que ele se tinha enforcado.

A liquidação dos adversários do regime do apartheid, efectuada sob forma de «suicídios» é um dos processos bárbaros dos racistas sul-africanos. Foi nestas circunstâncias que morreram no Outono de 1977, Steve Biko, líder do movimento africano da juventude, e dezenas de camaradas seus. — (TASS)

MEMBROS DA SWAPO PRESOS NA NAMÍBIA

WINDHOEK — A S.W.A.P.O. afirmou ontem que dez membros do movimento nacionalistas foram detidos na Namíbia pelas autoridades sul-africanas desde 18 de Dezembro último. O Secretário da Informação da SWAPO, Philip Tjerije, afirmou em Windhoek que eles tinham sido detidos acusados de terem infringido a secção seis da lei sul-africana sobre o terrorismo, que proibe os prisioneiros de serem visitados pelos advogados ou membros da sua família. — (FP)